

## O TRABALHO COM OS GÊNEROS TEXTUAIS NA ALFABETIZAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI E BAKHTIN PARA UMA PRÁTICA DIALÓGICA

**BOMFANTE DOS SANTOS, Záira**

**CORDEIRO DA ROCHA, Cleide<sup>1</sup>**

**APARECIDA DE SOUZA ROLIM, Leiliany<sup>2</sup>**

### RESUMO

O presente artigo traz reflexões adquiridas a partir das leituras realizadas nas disciplinas: Processo Ensino Aprendizagem (PEA) e Ensino de Língua e Literaturas (ELL) ofertadas no Programa de Pós – Graduação em Ensino de Educação Básica, da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES/CEUNES – Campus São Mateus. A disciplina PEA destaca Vigotski e a teoria histórico-cultural criada pelo próprio autor, bem como as contribuições teóricas que fundamentam a aprendizagem e o desenvolvimento da criança em suas relações através da linguagem. Este trabalho também apresenta o autor Bakhtin, estudado na disciplina ELL, criador da Teoria da Enunciação que comunga da mesma ideia de Vigotski, mesmo que em vertentes diferentes, ao defender o materialismo dialético, ancorados na visão marxista. Os conhecimentos compartilhados no texto também trazem referência aos livros “Gêneros do Discurso” de Bakhtin e “Pensamento e Linguagem” de Vigotski, dentre outros, e as contribuições para uma prática dialógica na alfabetização.

**Palavras-chave:** Perspectiva Histórico-Cultural. Gêneros Discursivos. Alfabetização. Letramentos.

### Introdução

Este trabalho foi produzido com o intuito de apresentar reflexões sobre os estudos relacionados à teoria histórico-cultural de Vigotski, como também as contribuições deste autor no que se refere ao desenvolvimento da criança através de suas relações com a linguagem. Para ampliar esta discussão, este texto traz reflexões sobre o criador da Teoria da Enunciação, Bakhtin, mostrando que somos sujeitos que se comunicam por meio de enunciados, numa visão dialógica da linguagem.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica-CEUNES/UFES

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica-CEUNES/UFES

Para melhor compreensão, o texto está organizado em três partes sendo que a primeira apresenta a linguagem na visão de Vigotski e uma síntese da teoria na perspectiva histórico-cultural. Para situar esta discussão, apresenta também o contexto histórico, social e filosófico no qual nasceu esta teoria destacando a sua importante contribuição que fundamenta a aprendizagem e o desenvolvimento do psiquismo humano.

A segunda parte do texto vem refletir sobre os gêneros discursivos numa concepção dialógica da linguagem a partir da visão de Bakhtin. Nesta abordagem, este autor, criador da Teoria da Enunciação, defende que toda e qualquer prática comunicativa se dá por meio de enunciados materializados no que se denomina de textos. Esse movimento dialógico e interativo só é possível através da linguagem entre sujeitos.

Por fim, a terceira parte do presente trabalho apresenta como as teorias destes autores supracitados podem contribuir para uma prática alfabetizadora mais dialógica. Contextualiza apresentando um trabalho com os gêneros textuais em sala de aula a partir de um planejamento por meio de sequências didáticas considerando o conceito dos multiletramentos no campo da alfabetização.

## **1 O pensamento e a linguagem na visão Vigotskiana**

Lev Semionovich Vigotski, um renomado psicólogo que viveu no período de 1896 a 1934, criador da teoria histórico-cultural, fundamentado nas ideias marxistas, defendeu que o ser humano, na infância, aprende para se desenvolver a partir das interações sociais e condições de vida.

Acredita que a nossa existência tem materialidade histórica e cultural. Em sua dissertação, Ometto (2005) define que a dimensão histórica neste caso refere-se não ao estudo de eventos passados, mas ao estudo de “eventos no curso de suas transformações, o que engloba o presente, as condições passadas e aquilo que se projeta para o futuro” (OMETTO, Apud GÓES, 2000:13). Já a dimensão cultural, para Ometto (2005) diz respeito à constituição social dos modos especificamente humanos de significar e de agir sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo, mediados pelos instrumentos e pelos signos criados em condições históricas específicas.

Ao elaborar esta teoria, este pensador traz ideias de uma abordagem dialética, no sentido de via de mão dupla, uma vez que nos constituímos como seres humanos e somos transformados por meio da relação e é na mediação que a aprendizagem acontece, que produzimos conhecimento. Aprendemos mediatizados por nós, pelo signo e pelo outro. Não somos assujeitados, como defende a teoria behaviorista, vamos nos modificando com o meio. Sabemos que de acordo com a perspectiva histórico-cultural, o conhecimento é resultado da mediação entre sujeitos e os objetos.

Para Vigotski, nos constituímos como pessoas por meio da palavra, que é exatamente o que nos diferencia de tudo e de todos os outros seres vivos. Portanto, não existimos sem o mundo da palavra. Somos constituídos de pensamento e linguagem. Tudo que pensamos materializa-se na palavra, a palavra por sua vez organiza o pensamento. Aprender é na verdade a reelaboração de pensamentos expressos por meio da fala.

[...]O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida que o pensamento ganha corpo por meio da fala na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento. [...] (VIGOTSKI, 2008, p. 151)

Vigotski afirma que já nascemos num campo semiótico carregado de significados e ao mesmo tempo vamos nos ressignificando com o meio. A maneira como nos vestimos, falamos, andamos, as escolhas que fazemos etc., diz muito sobre as relações que estabelecemos e as interações que realizamos em nossa jornada chamada vida. Daí, o meio social tem o tom do meio em que vivemos.

## **2 Os gêneros do discurso na concepção dialógica da linguagem**

Todo ato de comunicação do cotidiano humano se dá por meio da linguagem. Neste contexto, o conceito de língua, de sujeito, de discurso e de dialogismo fundamentam-se nas ideias de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes, criador da Teoria da Enunciação. Ancorado nas ideias marxistas afirma que a língua deve ser entendida como um fenômeno social, histórico e ideológico de interação verbal realizada por meio de enunciado. Para este pensador “[...]O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos)

concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 11).

No que se refere ao sujeito, podemos afirmar que se constitui na sua relação com os outros: tudo o que pertence à consciência chega a ela através dos outros, das palavras dos outros. Minha subjetividade encontra-se com a subjetividade do outro, daí o processo de intersubjetividade, modificando e ressignificando nosso discurso.

Para este filósofo da linguagem “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso [...]” (BAKHTIN, 2016, p. 28), e esses enunciados se dão durante o processo de comunicação, quer sejam orais ou escritos.

No que tange ao princípio da alteridade, Bakhtin (2016), afirma que os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Toda palavra que ser ouvida, entendida, responsiva e mais uma vez responder (réplica). Então para este pensador, a palavra é responsiva.

No processo comunicativo de responsividade organizados por meio dos enunciados, a comunicação acontece no que Bakhtin denomina de gêneros do discurso, que representa a forma da linguagem em ação. Dessa forma, Bakhtin (2016) destaca que falamos através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção de conjunto. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais e escritos.

Para o autor, os gêneros caracterizam-se em três elementos: o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional. No livro “Gêneros do Discurso, o autor afirma que

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Numa concepção dialógica da linguagem, nos conhecimentos compartilhados na disciplina de Ensino de Línguas e Literaturas, refletimos que não dominamos a linguagem, mas sim uma prática discursiva. Nas palavras de Cavalcante Filho (2011), é possível afirmar que na perspectiva bakhtiniana, o princípio dialógico é a característica essencial da linguagem, é um princípio constitutivo e intrínseco à mesma.

### **3 Contribuições de Vigotski e Bakhtin para uma prática alfabetizadora dialógica**

Para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita na alfabetização é de suma importância que o professor alfabetizador crie um ambiente para que a criança tenha contato com a escrita diariamente. Somente o reconhecimento das letras do alfabeto não é suficiente para que a criança seja alfabetizada. É preciso oportunizar um ambiente significativo e lúdico com o auxílio das ferramentas tecnológicas, mas sobretudo com uso de diferentes gêneros textuais. Neste espaço, o texto é o elemento principal que permitirá a criação de novos enunciados e o desenvolvimento da linguagem.

Ao pensar uma alfabetização neste contexto, faz-se necessário que o professor tenha consciência da base teórica que fundamenta e orienta sua prática pedagógica. É preciso ter clareza do conceito de alfabetização que norteia o trabalho pedagógico no que se refere ao ensino da leitura e da escrita. Sendo assim, poderá organizar ações envolventes e significativas que proporcionarão a inserção das crianças no mundo letrado.

A partir desta reflexão, trazemos as contribuições da autora Soares (2020) que trata o conceito de alfabetização e letramento, como, alfabetizar um “Processo de apropriação da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita [...]”. Acompanhado do processo de conhecimento da escrita, a criança desenvolve também habilidades de leitura que proporcionará a sua inserção no mundo letrado. Segundo Soares (2020, p. 21) letrar é o “[...]desenvolvimento de habilidades de leitura, interpretação e produção de texto[...]”, enquanto alfabetizar é “[...]situar no texto a aprendizagem do sistema alfabético de que os alunos precisam apropriar-se para que se tornem capazes, eles também de ler e escrever textos [...]”.

Pensando numa alfabetização para além da aquisição do código linguístico, em que o texto, quer seja oral ou escrito, seja o ponto de partida e o ponto de chegada, Em consonância com Geraldi (1997),

Considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. (GERALDI, 1997, p. 135)

Nos chama a atenção que as diferentes formas de conceber o texto estão relacionadas também às diferentes formas de se compreender a linguagem e o sujeito, que neste contexto é constituída efetivamente na interação verbal.

Numa visão vigotskiana, a partir das contribuições da teoria histórico-cultural, quanto ao desenvolvimento do psiquismo humano mediatizado, embora aponte diferenças entre o aprendizado e o desenvolvimento, Vigotski considera que os processos de aprendizado – atividades mediadas pelo outro(interpessoal) – suscitam e impulsionam os processos de desenvolvimento – atividades autorreguladas (intrapessoal). Neste sentido, pensando no sujeito aqui mediado pelo signo, pela palavra, pelo texto quer seja oral ou escrito é concebido como meio nesta relação dialógica, fundamental, para o desenvolvimento da linguagem, dando significado ou ressignificando a prática discursiva. Segundo Vigotski (2016) se os significados das palavras se alteram em sua natureza intrínseca, então a relação entre o pensamento e a palavra também se modifica.

Partindo desta ideia de que nas relações o nosso discurso se modifica, para Bakhtin o texto visto como enunciado tem uma função dialógica particular. Autor e destinatário mantêm relações dialógicas com outros textos (textos-enunciados) etc., isto é, têm as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal, como afirma Cavalcante Filho. E neste movimento dialógico, vamos nos apropriando do discurso do outro e reelaborando o nosso próprio discurso.

Ancoradas nas ideias bakhtinianas de que nos comunicamos através dos gêneros discursivos e pensando numa prática alfabetizadora onde o texto é o ponto de partida e o ponto de chegada, apoiamos, na função pedagógica, os professores alfabetizadores, ao olhar para o texto como aliado no trabalho pedagógico. No

planejamento, a leitura “deleite” como é chamada o primeiro momento da aula, é prática constante. Neste momento as crianças ouvem a leitura realizada pelo professor ou por uma outra criança. O conteúdo temático refletido pelos ouvintes é reelaborado a partir de suas histórias e experiências produzindo novos discursos materializados em gêneros.

Neste sentido, por se tratar de que a língua é viva e dinâmica, ao ensiná-la, o professor precisa recorrer aos gêneros, pois são importantes enunciados no processo de ensino. Ao considerar o trabalho com os gêneros na sala de aula a partir da pedagogia dos letramentos, Kalantzis (2020) reconhece como as múltiplas formas de comunicação e construção de sentidos, incluindo os modos visual, auditivo, espacial, comportamental e gestual. Numa abordagem funcional, articulada a esta perspectiva, este autor afirma que os gêneros textuais explicitam os modos pelos quais diferentes tipos de texto são estruturados para servir a diferentes propósitos.

Sabemos que os alunos da alfabetização são envolvidos no mundo tecnológico e com as múltiplas linguagens e recursos que os ambientes virtuais proporcionam, acreditamos que se faz necessário avançarmos para um ensino em que os professores alfabetizadores usem ao seu favor estas ferramentas para ensinar a língua aos alunos a partir da pedagogia dos multiletramentos.

[...] a pedagogia dos multiletramentos pode ser descrita como o desenvolvimento de modelos de um efetivo engajamento crítico com os valores dos educandos, identidades, poder e design(ing), pois traz para o centro da discussão a participação dos atores sociais (educandos e educador) como designers ativos do futuro social. (SANTOS, TIBURTINO, 2018, p.169)

Por esta perspectiva, faz-se necessário pensar não só na funcionalidade dos gêneros textuais, mas em sua função social, uma vez que o seu funcionamento parte da necessidade de uso dos falantes, ou seja, os gêneros só existem porque há um uso “para que ele serve” na sociedade.

Nesta concepção dialógica, a partir de uma temática significativa, o professor alfabetizador é orientado a organizar seu trabalho por meio de sequências didáticas, uma metodologia que é possível integrar diferentes gêneros e permitir um trabalho pedagógico mais interdisciplinar, envolvendo conhecimentos sobre a língua no que

se refere às letras e sons, à categorização gráfica das letras, à consciência fonológica e à discursividade. Neste momento a temática escolhida norteará “o que dizer” e os gêneros textuais que serão contemplados nas sequências. Ao pensar o conteúdo temático “Água”, por exemplo, o professor poderá envolver em sua sequência didática: letras de música, contos, filmes, tirinhas, panfletos da rede de água e esgoto da cidade etc. Além disso, poderá propor produções textuais escolhendo junto com os alunos um gênero que melhor representa o que as crianças gostariam de comunicar para comunidade escolar.

Neste movimento, é possível perceber um ensino mais dialógico, envolvente e significativo. Os alunos da alfabetização em contato com as diferentes formas de uso da linguagem, vão se apropriando do código linguístico e se desenvolvendo nos campos da leitura e da escrita.

### **Considerações Finais**

Ao conhecer as teorias de Vigotski e Bakhtin, percebemos que embora tivessem vividos em contextos desfavoráveis ao que defendiam e sonhavam para a sociedade em que estavam inseridos, foram enfáticos. Cada um em sua base epistemológica, afirmando que somos sujeitos diferenciados de outros seres vivos porque falamos e interagimos com outros sujeitos e nesta interação mediada somos culturalmente modificados e ressignificados. Nos comunicamos através de (re)enunciados já ditos e que (re)elaboramos a partir das nossas vivências e experiências atravessadas por outro sujeito. Estes enunciados são materializados através de gêneros discursivos e que só existem porque tem uma função social, aceitos pelos falantes.

Antes de ensinar a língua, faz-se necessário pensar primeiramente em qual concepção de sujeito e de linguagem fundamenta a nossa prática pedagógica e em que base epistemológica temos ancorado. Com esta definição clara, o ensino da leitura e da escrita, neste caso, às crianças da alfabetização, torna-se mais significativo.

Estes são alguns dos desafios que precisamos superar: fazer com que os diversos letramentos sejam valorizados no ensino da língua e que os professores planejem

atividades para uma prática mais dialógica, em que através dos diferentes gêneros os estudantes, possam ter condições de dizer o que pensam e o que sentem sobre o mundo que vivem, reconhecendo as muitas formas de uso da linguagem.

## REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov** – São Paulo, SP: editora 34, 2016.

FILHO, Urbano Cavalcante. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem).** CONELL, 2011

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes; SCHWARTZ, Cleonara Maria. **Alfabetização, Teoria e Prática.** Curitiba, PR: Sol, 2009.

KALANTZIS, Mary. COPE, Bill. PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

OMETTO, Claudia Beatriz de Castro. **A PRÁTICA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: as mediações da professora e o desenvolvimento da reflexividade nas crianças.** Piracicaba, SP. 2005.

REGO, T.C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação I Teresa Cristina Rego.** Petrópolis, RJ : Vozes, 1995.

SANTOS, Záira Bomfante. TIBURTINO, Vanessa. Multiletramentos e multimodalidade: diálogos e dimensões para o ensino. Revista (Con)Textos Linguísticos. v. 12, n. 23, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/23178> . Acesso em: 20 ago. 2023. SOARES, Magda. **Alfaletrar: Toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020. Contexto. 352 p.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e Linguagem** — 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Internalização das funções psicológicas superiores. In: A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Orgs. M. Cole et al. Trad. J. Cipolla Neto. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.